

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : DESP

CLASS. : 1403

DATA : 18 01 90

PG. : 20

Garimpos não são definidos

O presidente receberá recomendação para assentar inicialmente 45 mil garimpeiros

BRASÍLIA — O ministro da Justiça, Saulo Ramos, encaminhará ao presidente José Sarney no início da semana as minutas do decreto que cria as reservas garimpeiras de Catrimani, Uraricoera e Santa Rosa. Antes, porém, o ministro receberá parecer técnico sobre isso do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

Saulo Ramos adiantou que a tendência será recomendar ao presidente o assentamento inicial de 45 mil garimpeiros em cem mil hectares da reserva de Santa Rosa, também conhecida como Uraricaá, porque essa área não está integrada aos 9,4 milhões de hectares interditados pela Justiça Federal por serem terras indígenas.

O ministro reconheceu que as outras duas áreas estão dentro da área interdita pelo juiz Noveli Vila Nova, que em quatro meses decidirá definitivamente se elas pertencem aos ianomamis. Mesmo assim, Saulo Ramos afirma que o garimpo poderá ser praticado ali, desde que esteja dentro das normas estabelecidas pelo Ibama, Funai e DNPM.

Depois da operação iniciada pela Polícia Federal os garimpeiros começaram a deixar o território ianomami. Cinco mil foram para o sul do Pará e dez mil seguiram para a Guiana. O ministro disse que para os demais garimpeiros ocuparem as áreas de Catrimani e Uraricoera terão de se organizar em coo-



France Press

Lampréia (à dir.) e Tayhaldart em Caracas: viagem à fronteira

perativas, "mais fáceis de serem fiscalizadas".

O procurador da República, Eugênio Aragão, disse ontem que a decisão do juiz da 7ª Vara da Justiça Federal, João Baptista Coelho Aguiar, negando o pedido de prisão em flagrante do delegado Romeu Tuma, só não foi mais rigorosa porque no relatório apresentado o diretor-geral da Polícia Federal omitiu o termo de compromisso que garantia o assentamento dos garimpeiros na área reservada aos índios ianomamis. "Esta decisão mantém em vigor a liminar", afirmou Aragão.

A omissão de Tuma, na avaliação do procurador, demonstra o recuo do governo em transformar o termo de compromisso num decreto. "Esse decreto, caso viesse a ser feito, seria nulo e ineficaz", admitiu Eugênio Aragão.

REUNIÃO

O vice-chanceler da Venezuela, Adolfo Tayhaldart, e o subsecretário de Assuntos Políticos do Itamaraty, Luís Felipe Lampréia, reuniram-se ontem em Caracas para tratar do problema dos garimpeiros. Hoje, os dois diplomatas, que se reuniram a portas fechadas, irão para a região das cabeceiras do Rio Orinoco, em território venezuelano, onde os garimpeiros brasileiros desmataram e provocaram danos ecológicos por causa da utilização do mercúrio.

Os garimpeiros brasileiros foram descobertos em território venezuelano em abril por uma equipe de filmagem de um documentário a respeito do Rio Orinoco. A equipe percebeu de avião os prejuízos ao meio ambiente, e as Forças Armadas da Venezuela fizeram uma operação para expulsar três mil deles.

Raoni pede saída do presidente da Funai

BRASÍLIA — O cacique Raoni exigiu a demissão do presidente da Funai, Iris Pedro de Oliveira, durante uma manifestação de funcionários do órgão ontem à tarde. É a primeira vez, em 23 anos de existência, que os servidores da Funai fazem um protesto. O cacique caiapó ficou revoltado ao saber que Oliveira viajou a Washington num momento de crise, deixando de resolver a invasão de garimpeiros nas terras dos índios ianomamis, em Roraima, e a demarcação da reserva Mekra notire.

Muito nervoso, Raoni ameaçou: "Se o presidente da Funai não sair, pode ser morto ou machucado aqui dentro". Ele disse que estava "com raiva dos brancos" e que muitos ianomamis poderão morrer, "mas vocês vão morrer junto".

O funcionário da Funai, antropólogo Arthur Mendes, afirmou que o protesto era contra o presidente Iris Pedro de Oliveira e "suas posições duvidosas com relação ao genocídio dos ianomamis". Marcos Tereza, piloto da Funai lamentou: "Os ianomamis estão morrendo devagarzinho". A direção da Funai recusou-se a emprestar o auditório, como havia prometido. Os participantes do ato, entre eles vários líderes indígenas, o presidente da Fundação Mata Virgem, Olímpio Serra, e antropólogos da Eletronorte tiveram que falar na rua, sem microfone.

O superintendente da Funai, Airton Alcântara, disse que Oliveira não queria ir aos Estados Unidos, mas depois de muitos convites do Banco Mundial "achou que sua presença era imprescindível".